FRAGIL
FRAGIL
FRAGIL

DESEJO COMO COLA
PARA CORPOS EM ATRITO

Ricardo Ayres

CASA
BAKA
ARTE E CULTURA

07 DESEJO COMO COLA
PARA CORPOS EM ATRITO
Fernanda Soares da Rosa

13 ACIMA DE TUDO,
ELES NÃO TEMERAM
A VERTIGEM
Andrei Moura
Diego Groisman

21 ATRITO ENTRE
CORPOS DE PAPEL
Ricardo Ayres

24 EXPOSIÇÃO

46 LISTA DE IMAGENS

DESEJO COMO COLA PARA CORPOS EM ATRITO

Fernanda Soares da Rosa
CURADORA

Desejo como cola para corpos em atrito é a primeira exposição individual de Ricardo Ayres. A mostra reúne diferentes séries de trabalhos do artista realizados em mais de uma década, mostrando parte da sua produção que toca, especialmente, o corpo, seja ele masculino, abordado a partir de imagens homoeróticas apropriadas, seja aquele imbricado pelas ruas de cidades, ou, ainda, registrado ao acaso em cenas curiosas e inesperadas.

Ricardo Ayres é artista visual, professor e historiador da arte, bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mestre e doutor em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, vive e trabalha em Pelotas, onde é professor do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Suas pesquisas poéticas e teóricas orbitam os temas do corpo e da sexualidade, explorando o homoerotismo, o desejo, o cotidiano e a morte. Seus trabalhos artísticos percorrem os campos da fotografia, da colagem, do desenho, dos objetos, da performance e dos cruzamentos entre essas e outras linguagens.

O artista participou de mais de quarenta exposições coletivas nos últimos anos, entre elas: *Jogos Perigosos*, pela Plataforma Estopim na Alfaiataria, Curitiba (2025); *Ars Sexualis: Por Baixo dos panos*, no Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre (2022); *Fora da margem: panorama visual das subjetividades queer*, na Galeria do DMAE e Chico Lisboa, Porto Alegre (2022); *Ser + 1 Convidar +*, na Alfaiataria, Curitiba (2019); *Registro n. 2 não neutro dívida interna*, na Casa Baka, Porto Alegre (2018); *Notas de subsolo*, na Pinacoteca Aldo Locatelli, Porão do Paço – Pinacoteca Aldo Locatelli, Porto Alegre (2017); *[Intermediária]*, no IEAVI 2, 2016, Porto Alegre; *Entre Processos*, no Acervo Independente, Porto Alegre (2016); *Atelier Público CCMQ*, na Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre (2014); *Entr3dos*, na Fundación Antonio Pérez, Cuenca, Espanha (2013); *Horizonte à venda*, na Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre (2013). Curou exposições como *Virilidade & Identidade: o corpo masculino na obra de Gotuzzo* (MALG, 2025); individuais de artistas contemporâneas como Isabela Picheth (2019, 2023) e Veronica Vaz (2019) e as edições do festival *ruído.gesto ação&performance*, em colaboração com Claudia Paim, na cidade de Rio Grande (2011, 2013, 2014, 2015 e 2016).

Como historiador da arte, Ayres desenvolve pesquisas sobre o tema do HIV/aids e suas relações com as artes visuais. Sua tese intitulada *Artes visuais e aids no Brasil: histórias, discursos e invisibilidades*, defendida em 2020, na UFRGS, investiga a relação entre as Artes Visuais e a aids no Brasil, problematizando como se manifestam os discursos que contribuem para a invisibilidade do tema.

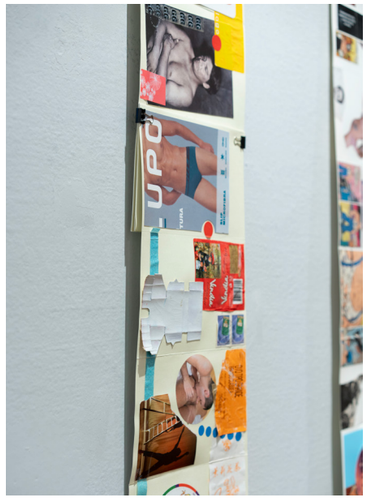
Em suas fotografias da série *Corpocidade* (2012-2016), ao andar pelas ruas das cidades por onde transita, Ayres destina o olhar aos corpos ao acaso, fixando, através da câmera fotográfica, cenas em que pessoas desconhecidas interagem com a paisagem: uma brincadeira com as fontes de água; um amontoado de pessoas (criando um boato?); o reflexo de uma mulher no vidro de um açougue; um homem sentado no chão, bebendo; um cachorro fofoqueiro na janela; um homem em cima de um telhado.

Frágil (2020) apresenta a imagem de uma caixa de papelão em chamas, identificada pela inscrição repetida da palavra “FRÁGIL” em fitas adesivas que a recobrem, apoiada contra uma parede de tijolos. O fogo consome lentamente o objeto, instaurando um paradoxo entre a promessa de cuidado e violência da combustão que inevitavelmente o anula. A partir do gesto da incineração, contraditório em relação ao requerimento cuidado, denotado pela palavra “frágil”, penso na tradição crítica da arte latino-americana que, sobretudo a partir dos anos 1960, explorou a precariedade, a efemeridade e a destruição como potências poéticas e políticas. O trabalho ressoa com ações de artistas como o luso-brasileiro Artur Barrio (Porto, Portugal, 1965), que fez do perecível e do descartável materiais de subversão estética, ou como o argentino Alberto Greco (Buenos Aires, Argentina, 1931 - Barcelona, Espanha, 1965), que deslocou a arte para o espaço do acontecimento efêmero. O fogo, ao mesmo tempo purificador e aniquilador, funciona como catalisador simbólico que aciona a memória da instabilidade social e política na América Latina, onde a arte frequentemente se articulou à denúncia e à resistência. Nesse sentido, a fotografia não apenas documenta a combustão de um objeto, mas problematiza a tensão entre linguagem e realidade, permanência e destruição, inscrevendo-se no debate contemporâneo sobre a fragilidade das estruturas — materiais, simbólicas e institucionais — que sustentam a vida e a arte.

As imagens reunidas nos livros de artista *Atlas de referência 1* (2022) e *Atlas de referência 2* (2024), partem de uma coletânea de colagens de recortes de revistas e de jornais, adesivos com temas variados, notas fiscais, raio x, senhas, selos, desenhos, quadrinhos, figuras da cultura pop, fotografias dos anos 1960 e de artistas *queers* contemporâneos. Nelas, o corpo masculino é destaque, aparecendo em anúncios publicitários, revistas eróticas e ilustrações médicas. Estes livros têm referência nos trabalhos do artista Hudinilson Jr. (São Paulo, 1957 - 2013), especialmente seus *Cadernos de referência*, uma série de álbuns de recortes produzidos entre 1980 e 2013, marcada por uma dimensão experimental e poética. Nessas obras, o artista mobiliza uma ampla gama de materiais; incluindo fotocópias, recortes de jornais e revistas, fotografias, desenhos e colagens, para investigar questões ligadas ao corpo, à identidade, ao desejo e às formas de representação. Ambos *Atlas de referência* possuem alguns aspectos biográficos, como desenhos feitos por Ayres e um raio X do artista, por exemplo, sempre em consonância e em diálogo direto com os cadernos do Hudinilson.

O artista paulista reuniu em seus livros colagens diversas e com teor erótico e *queer*, assim como os recortes de Ayres. Ayres teve contato com os livros de artista durante sua pesquisa de doutorado e foi profundamente atingido pelas imagens que Hudinilson. Na produção de ambos, o *Atlas Mnemosyn*, do historiador da arte alemão Aby Warburg (Hamburgo, Alemanha, 1866 - Londres, Reino Unido, 1929) ecoa. A metodologia warburguiana é trazida e repensada na perspectiva de Ayres, quando o artista seleciona as imagens e as cola sobre o papel dos cadernos. Esta abordagem interdisciplinar desenvolve uma perspectiva de estudo da arte, da cultura e da iconografia, marcada pela tentativa de compreender como imagens circulam, se transformam e carregam significados ao longo do tempo. Os recortes, os signos gráficos e as etiquetas reunidas por Ayres, criam, com ironia e humor, um jogo de composição entre as imagens.

Voadoras (2016-2019) é uma série que reúne imagens de revistas pornográficas e material adesivo de viagem aérea, principalmente etiquetas e sinalização de bagagem. A partir deste material, o artista cria composições que tem um jogo de censurar e encobrir algumas partes, mas que deixa outras expostas. Há uma predileção do artista por retirar o rosto dos homens para concentrar em seus corpos. Essa ação leva a atenção do espectador às partes do corpo que estão em evidência. Através da série, podemos tecer relações entre o deslocamento dos corpos que pressupõe uma viagem aérea pressupõe. Seu título, nos leva ainda a uma possível relação do trabalho com os corpos femininos, ao relacionarmos com a expressão “ela é um avião”, metáfora popular na língua portuguesa, geralmente usada para “elogiar” a beleza ou a sensualidade de uma mulher. A expressão sexista nos releva algumas camadas como a classificação do corpo feminino por meio de uma objetificação que compara e reduz a mulher a uma coisa a ser exibida, ao mesmo tempo em que relaciona os corpos femininos a um avião, símbolo de domínio dos céus e potência militar, que pode ser relacionado ao desejo masculino fixado em ideias de poder e controle.



Assim como *Voadoras, Perigodanger* (2022) também usa um material que funciona como cola sobre revistas com imagens homoeróticas, pois as intervenções do livro são feitas com material adesivo. As páginas do livro são de uma revista pornô anterior aos anos 1990, nas quais o artista faz uma colagem de adesivos com códigos de barra, notas de supermercado, e adesivos que advertem com frases como “cuidado, frágil”, “risco de queimadura” e “50% de desconto”. O jogo imagético proposto pela censura dos órgãos genitais evidencia o homoerotismo, brinca com a propensão para a luxúria e a excitação a partir dessas imagens pornográficas e escancara a sensualidade exagerada nas imagens eróticas.

A *Origem do Imundo* (2019) reproduz o mesmo processo de criação de Voadoras, com colagens sobre páginas de revistas pornográficas. No trabalho, podemos questionar a característica falocêntrica presente na pornografia centrada no pênis e no conceito simbólico do falo. No trabalho, Ayres se apropria de uma imagem que foge dessa lógica e dá protagonismo ao cu, bastante ofuscado pelas imagens fálicas recorrentes no pornô gay.

Em *Sobre o desejo como cola para corpos em atrito* (2022), apropriando-se de imagens de revistas eróticas, ilustrações médicas e anúncios publicitários, Ayres explora o corpo masculino a partir do olhar desejoso. Criando colagens com imagens ampliadas e manipuladas manual e digitalmente, com aplicações de adesivos diversos, evidenciando ao mesmo tempo em que oculta as partes dos corpos nus ali visíveis.

A série fotográfica *Ratos* (2012) opera no território do abjeto ao confrontar o espectador com imagens que evocam repulsa, morte e decomposição, rompendo as fronteiras entre o tolerável e o insuportável no campo do visível. Os corpos dos roedores, registrados em diferentes estados (ensanguentados, mutilados, apodrecidos ou simplesmente inertes) não apenas desestabilizam a distinção entre o vivo e o morto, mas também tensionam a própria noção de limite corporal, expondo aquilo que o sujeito social tende a expelir de sua experiência cotidiana. Ao escolher o rato como figura central, um animal historicamente associado à peste, ao lixo, à marginalidade e ao risco, o trabalho convoca reflexões biopolíticas sobre a distinção entre vidas consideradas dignas de luto e vidas descartáveis

A colagem *Sem título* (2018), faz referência ao HIV/aids, sua crise histórica e seu tratamento. O trabalho, totalmente feito com material adesivo, reúne uma propaganda de camisinha, em alusão a prevenção do HIV/aids, e segue a lógica colecionista do artista de reunir imagens sobre o tema do corpo em suas mais diversas formas sobrepondo-as a outras imagens com cola. Selecionar, reunir, arquivar, se apropriar, colecionar e ressignificar imagens está no centro da poética de Ayres, que cria composições como esta, rearticulando-as, e as amplia a partir de fotocópias, as quais são impressas em lambe, no intuito de ganharem espaços expositivos alternativos, não apenas em galerias e espaços de arte, podendo ocupar ruas e espaços públicos.

Nas fotografias da série *Bar* (2012), o artista reúne recortes noturnos do mobiliário de um bar, entre outras imagens que despertam a vontade de ver e de saber mais. Em *Ponta Grossa, PR* (2018) duas fotografias registram uma cena inusitada, um amontoado de pessoas na subida de uma escadaria em ações não compreensíveis, mas que geram uma cena curiosa.

O corpo, a partir de imagens eróticas de Ayres, é o mote para abordar não apenas o desejo, o fetiche e a pornografia: tais imagens são apontamentos para reflexões que perpassam a representação masculina, privilegiando sua relação com o homoerotismo e as dissidências de gênero e de sexualidade. É possível ir além de sua pretensa neutralidade, pois suas imagens permitem observar os corpos e aquilo que os cerca a partir de uma perspectiva contra-hegemônica, pautada pela diferença.[1]

Casa Baka, Porto Alegre,
19 de julho a 18 de outubro de 2025.

1 *ALVES, Ricardo Henrique Ayres. Artes visuais e aids no Brasil: histórias, discursos e invisibilidades. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Artes Visuais) - Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2020. Disponível em:* https://lume.ufrgs.br/handle/10183/214418.

ACIMA DE TUDO,
ELES NÃO TEMERAM A VERTIGEM [1]

Andrei Moura
Diego Groisman

A arte contemporânea suscita indagações para as quais não há respostas fáceis, conclusivas ou definitivas. Desde a década de 1960, artistas, teóricos e críticos têm reposicionado os parâmetros conceituais sobre a criação artística. A aproximação da arte com a vida, e as aceleradas transformações culturais, sociais e tecnológicas que marcam o capitalismo tardio, formaram as bases para que ocorressem abalos com paradigmas artísticos históricos, promovendo uma ampla renovação das linguagens artísticas.

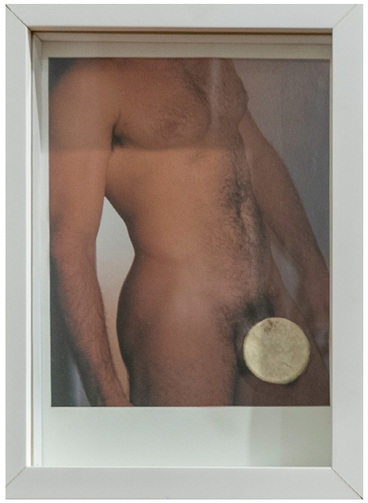
Se no passado recente, a ruptura com a tradição e as convenções foi o denominador comum entre as mais variadas formas de expressão, hoje observa-se uma outra tendência em curso: a coexistência das pautas decolonial, feminista, queer em relação aos experimentalismos múltiplos formais que caracterizam a contemporaneidade. A representação e o acesso de grupos socialmente minorizados no plano da arte e da cultura, fenômeno não isento de disputas e embates, tem sido compreendido como etapa fundamental para equalização de disparidades concretas e/ou simbólicas, e um ponto de partida inequívoco para a construção de uma sociedade comprometida com a valorização da própria diversidade, respeitando as singularidades que lhe são inerentes.

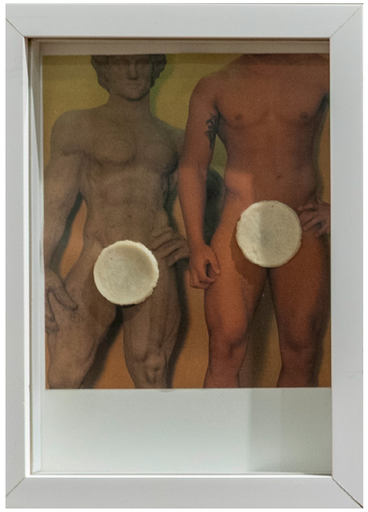
É nesta intersecção entre o artístico e o político que as programações realizadas na Casa Baka têm atualmente concentrado sua atenção, com especial enfoque às artes visuais. Conscientes da circunspeção do sistema das artes, temos como pressuposto político possibilitar que artistas, coletivos e curadores em início de

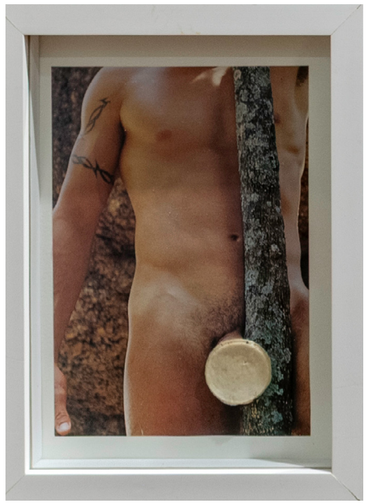
1 *Embora originalmente Laura Mulvey tenha feito a formulação do conceito no artigo Visual Pleasure and Narrative Cinema, para pensar a sexualização da mulher no cinema, pensamos que o conceito permite iluminar, por deslocamento, a forma como a cultura visual brasileira suprimiu ou modulou o desejo homoerótico masculino.*

trajetória e, de certo modo, mais inclinados à experimentação e ousadia, sejam estimulados a produzir e expor, a partir da ocupação de nosso espaço expositivo. No contexto específico do Brasil e, de modo mais acentuado, no Rio Grande do Sul, ainda sob o efeito de graves crises — em especial a pandemia e as enchentes e, por consequência, econômica e humanitária — vivenciadas nos últimos anos, reconhecemos, sobretudo agora, a força sensibilizadora e crítica da arte necessária para uma virada de perspectivas.

Assim, coerente com nossa missão, recebemos com entusiasmo o projeto *Desejo como cola para corpos em atrito*, exposição individual de Ricardo Ayres, que reúne pela primeira vez um conjunto variado de sua produção, com séries fotográficas, colagens, livros de artista, que entrelaçam distintas mídias. Artista, pesquisador, doutor em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da UFRGS e docente no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Ayres investiga em âmbito acadêmico, desde o final da primeira década deste século, as relações entre a epidemia de HIV/aids e a produção artística contemporânea, construindo um importante espaço de legitimidade simbólica desta temática. A articulação curatorial da mostra é realizada por Fernanda Soares da Rosa, historiadora, pesquisadora, mestre e doutoranda em História, Teoria e Crítica de Artes Visuais, também pela UFRGS. Fernanda tem contribuído de forma significativa para a valorização da obra do artista brasileiro Claudio Goulart (1954-2005). Nascido em Porto Alegre, Goulart, cuja obra teve projeção internacional, especialmente em Amsterdã, onde se radicou, foi impactado pela experiência de ser soropositivo, diagnóstico recebido nos primeiros momentos da epidemia, profundamente marcados por pânico moral, desinformação e estigmas. Atualmente, a obra de Goulart, até então pouco conhecida em território brasileiro, tem sido objeto de estudos, exposições e publicações.







Não menos relevante que as conexões estéticas e temáticas que “Desejo como cola para corpos em atrito” estabelece com o pressuposto artístico e político da Baka, enfatiza-se o fato de que nossas atividades se realizam por mais de três décadas no bairro Cidade Baixa, região boêmia da capital, conhecida por sua pujante vida noturna e abertura à diversidade sexual, abrigando estabelecimentos e bares destinados ao encontro e à troca de afetos entre pessoas da comunidade Lgbtqiapn+.

Assim, a série *Sagrada Censura* (2014), expograficamente situada na primeira sala expositiva da Casa, estabelece um vínculo entre a pretensa liberdade das ruas e da arte e sua repressão, como decorrência concreta ou dissimulada, aqui simbolizada pela sobreposição de hóstias sobre os órgãos genitais dos corpos masculinos. Para a execução deste trabalho, o artista coletou essas imagens eróticas em revistas datadas da época da virada do milênio, no fim da década de 1990 e primeiros anos dos anos 2000, nas quais a nudez masculina era explorada com certa timidez visto que os pênis dos modelos eram retratados em estado de repouso. A estratégia editorial da ausência da ereção, garantidora de que a masculinidade dos homens não fosse “maculada” em seus brios, foi o que permitiu ao artista cobrir integralmente as genitais pela diminuta dimensão das hóstias. A sagacidade da sobreposição deste elemento de importância vital na liturgia católica é fortemente revestida de ironia. No sacramento da Igreja, a hóstia não é apenas um símbolo, mas é compreendida como a presença efetiva do corpo de Cristo: o chamado fenômeno da *transubstanciação*, no qual o pão e o vinho, durante a celebração da Missa, tornam-se o Corpo e o Sangue de Cristo, presente de modo real e substancial. A evocação ao sacramento da Eucaristia, de forma metonímica, relembra o papel histórico do catolicismo na imposição do regramento do corpo e do sexo, com a valorização do modelo heterossexual como regulamento religioso. De certo modo, o elemento físico da hóstia é responsável por inibir uma sexualidade em potência que pudesse subverter a ordem e as convenções das sociedades capitalistas modernas, em contraposição a formas mais livres de vivenciar o corpo e o sexo, como atestam os relatos históricos sobre os tempos pagãos, bem como as organizações societais não-cristãs, nas quais a categoria “sexo” e as identidades de gênero correspondem a outras cosmovisões. O desejo

de um homem pelo corpo de outro homem, dada a rarefação de referenciais culturais, era manifestado no Brasil de modo furtivo, relegado à clandestinidade, como uma via alternativa (e incômoda) de vivenciar a sexualidade, definitivamente indesejável. A supressão da excitação sexual masculina em contraposição ao *male gaze*[2] — conceito formulado pela teórica britânica Laura Mulvey, ainda na década de 1970, relacionado à exploração sexualizada do corpo feminino no Cinema e aplicado à cultura visual em geral — evidencia a hipocrisia cultural brasileira em relação ao desejo homoerótico.

Consonante a esse recalque do desejo, a assombrosa série fotográfica "Ratos", poesia visual suja, em que roedores mortos são fotografados pelo artista, provoca no espectador reações para além de uma palatável contemplação estética. Com um fecundo simbolismo, os ratos carregam uma irresoluta ambivalência de sentidos. São positivos quando representam inteligência e adaptação, dada a capacidade de sobrevivência diante da escassez de recursos e a astúcia no encontro de brechas para a fuga dos predadores, além de serem símbolos de fertilidade e abundância. E, aqui, podemos pensar em comportamentos sexuais masculinos que furam a heteronormatividade compulsória. Desde as relações sexuais ocasionais entre parceiros do mesmo sexo, sem que isso signifique um compromisso identitário com uma orientação sexual gay, ocorridas sob o manto do famigerado "sigilo"; passando por experiências que desestabilizam uma concepção falocentrada da sexualidade, ou ainda relacionada a práticas sexuais realizadas em banheiros públicos, encontros anônimos e efêmeros que caracterizam a prática do *cruising*, efetivada em espaços urbanos abertos e pouco iluminados, como parques, estacionamentos ou regiões pouco monitoradas.

2 *Embora originalmente Laura Mulvey tenha feito a formulação do conceito no artigo Visual Pleasure and Narrative Cinema, para pensar a sexualização da mulher no cinema, pensamos que o conceito permite iluminar, por deslocamento, a forma como a cultura visual brasileira suprimiu ou modulou o desejo homoerótico masculino.*

Fissuras nas convenções, que presentificam uma transgressão e um tensionamento não somente sexual, mas de conceituação do que é público e do que é privado.

Por outro lado, esses animais podem ser associados à sujeira, à morte, ao colapso social e ao medo coletivo, especialmente se rememoramos o histórico caso da peste bubônica que matou milhões de pessoas na Europa, no século XIV, na qual acreditava-se que a transmissão da enfermidade se dava através das pulgas dos ratos[3]. Nesta chave interpretativa, pode-se relacionar os severos momentos iniciais da epidemia de HIV/aids à época conhecida como "câncer e/ou peste gay", e à forma como as pessoas soropositivas e homossexuais eram vistas por parcela esmagadora da sociedade conservadora, como "imorais", "promíscuas" e "danosas", reforçando o preconceito relacionado às formas de relacionamento e sexualidade diversos do modelo monogâmico heteronormativo. Na exposição, esta relação é reforçada pela proximidade com um dos lambes (imagem em destaque), típica linguagem urbana reproduzida na parede do espaço expositivo, no qual Ayres amplia uma colagem realizada sobre uma campanha de conscientização acerca da prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, destacando a imagem de um preservativo.

Ainda na seara das associações culturais, a expressão popular "Afinal, você é um homem ou um rato?", utilizada para questionar a coragem ou a firmeza de caráter diante da hesitação a respeito de uma situação desafiadora, vai ao encontro de uma construção de masculinidade heroica que forçosamente exige dos homens bravura e força física, sendo a hesitação matéria para questionamentos e ridicularizações. Também na psicanálise, os ratos foram lidos como um símbolo daquilo que rói as entranhas do sujeito, como os sentimentos de medo, culpa e conflitos mal resolvidos; ou ainda podendo remeter ao ânus, região de prazer e alvo de controle, repressão e até mesmo a possibilidade de violação, dado que muitas torturas eram realizadas com a introdução de ratos em vaginas e ânus de oponentes políticos.

3 *Ainda que no imaginário cultural a transmissão desta peste tenha sido vinculada aos ratos, estudos recentes apontam que os roedores não foram os principais responsáveis pelo contágio. A disseminação da bactéria Yersinia pestis, ocorreu em larga medida, por meio de parasitas humanos, como pulgas e piolhos, que facilitaram a transmissão direta entre pessoas. De modo análogo, podemos relacionar a culpabilização do contágio do HIV a determinados grupos — neste caso, homens homossexuais, o que dificultou a compreensão científica e a resposta humanitária diante da crise.*

Por fim, destacamos o livro de artista *Perigodanger* (2022) que a exemplo de *Atlas de referência 1 e 2* (2022) e da série *Voadoras* (2016-2019) partilham do procedimento do recorte apropriatório de imagens, aproximando-se o gesto de Ayres a um processo de colecionamento criativo, com a decorrente recontextualização imagética, geradora de uma inédita fatura de sentidos. Nestes trabalhos, a coleta de materiais na publicidade nos leva a refletir sobre um tipo específico de corporalidade exaltada pelos meios de comunicação de massa. Como reflexo e reprodução de padrões estéticos, na lógica da sociedade de consumo, o corpo ainda predominantemente valorizado é submetido à juventude e à magreza, quase sempre atlético e branco. No caso dos homens, reforça-se a força física como atributo másculo desejado, presentificado pelos músculos hipertrofiados. Em especial, em *Perigodanger,* a captura de frases e expressões de rótulos, etiquetas e embalagens de produtos, realocadas no contexto da pornografia gay, promove um jogo com as palavras, que leva ao humor, estratégia adotada com frequência por pessoas com identidade de gênero dissidente ou orientação sexual diversa, como forma de existir e resistir em um mundo cercado por preconceitos, censuras, homofobia e perigos.

ATRITO ENTRE CORPOS DE PAPEL

Ricardo Ayres

Na época em que cresci, as revistas eram abundantes. Hoje, é com certa tristeza que vejo as bancas com apenas alguns poucos exemplares ou transformadas em pequenas lojas. Aqueles espaços tão diversos, que frequentei constantemente, assim como os sebos, atualmente são apenas quiosques ou desapareceram por completo.

Isso torna meu trabalho com colagem um pouco mais difícil, pois o material já não é encontrado com tanta facilidade. Mesmo assim, sigo recolhendo imagens impressas e, por meio da fotografia, produzo outras imagens, buscando, em ambas as estratégias, algo inusitado, fissuras na rotina, elementos peculiares e manifestações do desejo.

Quando tive acesso à internet e aos sites pornográficos, não gostava de assistir a vídeos: preferia a imagem estática da fotografia, que eu podia percorrer com a devida atenção, percebendo cada nuance. Nas imagens em movimento, não era possível examinar os detalhes: parecia que eu estava perdendo algo, que camadas daqueles corpos se dissipavam diante do fluxo sucessivo das cenas.

Esse mesmo olhar atento percorria lojas de roupas, com certa vergonha e excitação, ao identificar, nas embalagens de cuecas, modelos torneados e depilados, que colocavam seus corpos à disposição para a venda de roupas íntimas. Penso que essas imagens, em uma era pré-internet, quando o acesso a conteúdo pornográfico era muito mais limitado, mexeram com o desejo de muitos gays, que percebiam algo escapando pelas fendas da cisheteronorma: fagulhas.

Com uma fagulha se pode começar um incêndio. Atritando corpos até que produzam fagulhas, também é possível aquecê-los. Talvez alguns saiam chamuscados: não dá para ter certeza, porque o fogo foge ao nosso controle. Ao organizar os trabalhos em um mesmo local, como nesta exposição, eles passam a queimar juntos.

Apesar de suas diferentes configurações, as obras se apresentam como narrativas que emergem de um fluxo caótico, tentando organizar algumas ideias. Costumo realizar séries fotográficas utilizando sempre o mesmo dispositivo, o que representa um desafio em projetos desenvolvidos ao longo de vários anos — construídos a partir do contato com a cidade e seus corpos. Atualmente venho produzindo colagens em cadernos sanfonados idênticos, talvez como uma forma de narrar a heterogeneidade de todos os recortes reunidos. Estratégias de ordenação para lidar com o caos; formas de compartilhar um autorretrato em constante construção.

UPC
ACTIVE MAN

DIREITOS
LGBTI+
NO BRASIL
FRAGILE

ACTIVE MAN

DIREITOS
LGBTI+
NO BRASIL
FRAGIL

MISTER GARDEN

R$ 39,90

C 6

TÉRREO

SMILE
C 6

FRÁGIL
PERIGODANGER
CLOSED
CUIDADO
"SOMENTE EST
DEITADO SOBRE

FRÁGIL
CUIDADO!
Risco de queimadura!

XL
XL
Esta é uma região aquecida
CUIDADO

FRÁGIL
antes da
penetração,
durante
o gozo,
depois do
orgasmo
CUIDADO!

Capa e contracapa *Frágil*, 2020. Fotografia impressa em papel matte (detalhes). 40 x 30 cm.

Sumário *Atlas de referência 1*, 2022 e *Atlas de referência 2*, 2024. Livros de artista (detalhes). 21 x 13,5 cm (livros fechados).

Pág. 6 *Voadoras*, 2016-2019. Colagem manual digitalizada ampliada e impressa em papel fosco de alta gramatura. 84,1 x 118,9 cm.

Pág. 8 *Atlas de referência 1*, 2022 e *Atlas de referência 2*, 2024. Livros de artista (detalhes). 21 x 13,5 cm (livros fechados).

Pág. 10 *Origem do imundo*, 2019. Colagem manual digitalizada ampliada e impressa em papel fosco de alta gramatura. 84,1 x 118,9 cm.

Sobre o desejo como cola para corpos em atrito, 2022. Colagem manual e digital, impressão em tela. 25 x 25 cm (cada).

Pág. 11 Sem título, 2018. Colagem manual digitalizada ampliada e impressa em papel fosco de alta gramatura. 59,4 x 84,1 cm

Pág. 12 *Origem do imundo*, 2019. Colagem manual digitalizada ampliada e impressa em papel fosco de alta gramatura. 84,1 x 118,9 cm.

Pág. 15 *Sagrada censura*, 2014. Colagem de revistas e hóstias sobre papel. 14,8 x 21 cm (cada).

Pág. 16 *Ratos*, 2012. Fotografia digital. 40 x 30 cm (cada).

Pág. 18 *Perigodanger*, 2022. Livro de artista a partir de colagens sobre revistas eróticas (detalhe). 16 x 22 cm (livro fechado).

Pág. 19 *Atlas de referência 1*, 2022 e *Atlas de referência 2*, 2024. Livros de artista (detalhes). 21 x 13,5 cm (livros fechados). Foto: Andrei Moura.

Pág. 20 *Sagrada censura*, 2014. Colagem de revistas e hóstias sobre papel. 14,8 x 21 cm (cada).

Pág.22 Sem título, 2015. Fotografia digital em moldura pôster. 30 x 20 cm.

Pág. 23 *Atlas de referência 1*, 2022 e *Atlas de referência 2*, 2024. Livros de artista. 21 x 13,5 cm (livros fechados).

Pág. 24, 25, 26 e 27 Vistas da exposição.

Pág. 28 Sem título, 2022. Cartão Postal. 10 x 15 cm.

Pág. 29 Vistas da exposição, com destaque para os trabalhos *Sobre desejo como cola para corpos em atrito*, *Oroboro* e *Sagrada Censura.*

Pág. 30 *Sobre o desejo como cola para corpos em atrito*, 2022. Colagem manual e digital, impressão em tela. 25 x 25 cm (cada).

Pág. 31 Vista da exposição, com destaque para os trabalhos *Oroboro* e *Sagrada Censura.*

Pág. 32 *Oroboro*, 2015. Fotografia digital impressa em papel fosco. 30 x 40 cm.

Pág. 33 *Sagrada censura*, 2014. Colagem de revistas e hóstias sobre papel. 14,8 x 21 cm (cada).

Pág. 34 e 35 Vista da exposição, com destaque para os trabalhos *Corpocidade*, *Frágil* e *Perigodanger*.

Pág. 36 e 37 *Corpocidade*, 2012-2016. Fotografia digital (detalhe). 40 x 30 cm (cada).

Pág. 38 *Bar*, 2012. Fotografia digital em moldura pôster. 20 x 15 cm (cada).

Pág. 39 Sem título, 2018. Colagem manual digitalizada ampliada e impressa em papel fosco de alta gramatura. 59,4 x 84,1 cm.

Pág. 40 e 41 Vista da exposição, com enfoque para o trabalho *Sobre o desejo como cola para corpos em atrito.*

Pág. 42 e 43 *Perigodanger*, 2022. Livro de artista a partir de colagens sobre revistas eróticas. 16 x 22 cm (livro fechado).

Pág. 44 Ratos, 2012. Fotografia digital. 40 x 30 cm (cada)

Pág. 45 *Ponta Grossa, PR*, 2018. Fotografia digital impressa em papel matte. 90 x 48 cm.

Pág. 49 *Corpocidade*, 2012-2016. Fotografia digital (detalhe). 40 x 30 cm (cada).

Ricardo Ayres é doutor e mestre em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS), área de concentração em História, Teoria e Crítica de Arte. Bacharel em Artes Visuais (FURG), ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte, com mobilidade acadêmica no curso de Antropologia (ISCSP, ULisboa). Licenciado em Artes Visuais (IFSul). Professor do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atuando na graduação em Artes Visuais e Museologia, na Especialização em Artes (presencial e EaD) e no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES). Coordenador da Especialização em Artes EaD (UAB/UFPel), do projeto *Histórias da arte e histórias da aids desde o Brasil: discursos sobre o corpo e a enfermidade na arte contemporânea e do Laboratório de Arte e Cultura Visual* (LACV). Participa dos grupos de pesquisa *Arte e sua história: visualidades, discursos e sentidos* (UFPel), *Deslocamentos da Fotografia na Arte* (UFRGS) e *Apagamentos da memória na arte* (UFRGS). Integra a equipe do Museu Afro-Brasil-Sul (MABSul/UFPel). Tutor voluntário do PET-Saúde Equidade (2024-). Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA) e da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), onde atua como 2 Secretário da Diretoria 2025-2026, além de ter sido representante estadual do RS no biênio 2023-2024. Autor do livro *Miasmas e metáforas da aids nas Artes Visuais* (Ed. da FURG, 2021). Seus interesses de pesquisa orbitam a arte contemporânea e sua história a partir de interseções com o corpo, o HIV/aids, a sexualidade e o cotidiano.

Fernanda Soares da Rosa é historiadora, curadora e produtora cultural. Doutoranda e mestra em Artes Visuais, área de concentração em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV-UFRGS). Atua nas áreas da educação e da cultura, com pesquisa e catalogação de acervos históricos e artísticos, bem como na produção de eventos culturais e curadoria de exposições de arte.

Andrei Moura é arte-educador, produtor cultural e curador independente. Licenciado em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e bacharel em História da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi colaborador na Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB), Fundação Bienal do Mercosul e na coordenação do Núcleo Educativo da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ). Atualmente, atua na comunicação da Casa Baka.

Diego Groisman é curador, pesquisador, tradutor e produtor cultural. É doutorando em História, Teoria e Crítica, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre e bacharel em História da Arte pela mesma universidade. Desde 2004, coordena o espaço independente Casa Baka, dentro do qual desenvolve uma programação voltada à arte contemporânea em diálogo com segmentos artísticos diversos.

Desejo como cola
para corpos em atrito,
Individual de Ricardo Ayres

De 19 de julho

a 18 de outubro de 2025

Casa Baka

Espaço independente

Arte Contemporânea, música, teatro e culturas

Rua da República, 139, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Direção
Diego Groisman

Educativo
Andrei Moura

Exposição

Artista
Ricardo Ayres

Curadoria
Fernanda Soares da Rosa

Produção executiva
Fernanda Soares da Rosa

Design
Thaís Franco

Montagem
Rafael Muniz

Catálogo

Produção editorial
Fernanda Soares da Rosa

Projeto gráfico
Thaís Franco

Textos
Andrei Moura
Diego Groisman
Fernanda Soares da Rosa
Ricardo Ayres

Fotografias
Gustavo Balbela

Revisão
Andrei Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Desejo como cola para corpos em atrito [livro eletrônico] / Ricardo Ayres... [et al.]. -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Outros autores: Fernanda Soares da Rosa, Andrei Moura, Diego Groisman.
ISBN 978-65-01-74513-8

1. Artes visuais - Exposições - Catálogos 2. Corpo - Arte 3. Erotismo 4. LGBT - Siglas I. Ayres, Ricardo. II. Rosa, Fernanda Soares da. III. Moura, Andrei. IV. Groisman, Diego.

25-309381.0 CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes visuais 700

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Apoio:

Laboratório de Arte e Cultura Visual do PPGARTES - Centro de Artes da UFPel

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS